

CONCEPÇÕES E PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DE MATO GROSSO SOBRE A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E REDES COOPERATIVAS

Marcelo Franco Leão*
marcelofrancoleao@yahoo.com.br
Lucy Gutiérrez de Alcântara**
lucy.alcantara@jna.ifmt.edu.br
Miguel Julio Zadoreski Junior***
miguel.junior@jna.ifmt.edu.br
Silvana Martins****
martins@univates.br
Márcia J. Hepp Rehfeldt*****
mrehfeld@univates.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estimular a reflexão sobre educação empreendedora e redes colaborativas nas instituições de ensino, bem como analisar as concepções e perspectivas dos professores que nelas atuam. A educação aqui abordada vem ao encontro de uma educação de qualidade, humana, significativa e capaz de transformar a sociedade com uma proposta mais dinâmica, reflexiva, onde predomina a criatividade, inovação e autonomia dos sujeitos. Este estudo configura-se como uma pesquisa de campo, cuja abordagem é qualitativa. Para coletar dados, foram entrevistados três professores de diferentes instituições (CEJA, IFMT e SENAI) e modalidades de ensino (Educação de Jovens e Adultos, Ensino Médio Profissionalizante e Aperfeiçoamento Profissional) localizadas nas cidades de Barra do Bugres e de Juína, ambas do estado de Mato Grosso. As respostas dadas aos treze questionamentos possibilitaram compreender as concepções que estes professores trazem acerca do tema e se estes consideram suas instituições como empreendedoras e/ou cooperativas. Pode-se concluir que os respondentes enfatizam, por meio das indicações nas respostas, as características de um professor empreendedor como sendo aquele que é flexível, motiva a criatividade, busca a inovação em suas aulas e que sabe aproveitar as oportunidades.

Palavras-chave: Educação empreendedora. Redes colaborativas. Prática pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

As mudanças rápidas, os avanços científicos e tecnológicos, o mundo da informação e da globalização, constituem o atual cenário mundial que apresenta também grandes contrastes econômicos e sociais, o que exigem do ser humano um repensar dos seus atos diante da vida.

* Mestrando em Ensino pela UNIVATES. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Tutor do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT/UAB). Professor do Centro de Educação de Jovens e Adultos "15 de outubro" de Barra do Bugres - MT.

** Mestranda em Ensino pela UNIVATES. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT).

*** Mestrando em Ensino pela UNIVATES. Professor no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT).

**** Mestre e Doutora em Educação pela PUCRS. Professora no Centro Universitário UNIVATES.

***** Mestre em Administração pela UFRGS e Doutora em Informática na Educação pela UFRGS. Professora no Centro Universitário UNIVATES.

A escola, por sua vez, tem um papel central neste processo por constituir-se, conforme o pensamento de Bandeira e Freire (2006), agente fundamental de transformação. Cabe às instituições educativas assumir a postura mediadora do processo formativo e desenvolver práticas que possibilitem uma educação humanizadora e inventiva, a qual promova comportamentos mais cooperativos e menos competitivos e individualistas na convivência social. Uma formação comprometida com o resgate de valores tantas vezes esquecidos, como: o respeito, a harmonia, a união e a solidariedade.

Experiências empíricas dos autores deste artigo mostram que a prática pedagógica observada na maioria das salas de aula está longe de atender tais transformações, pois está calcada em metodologias tradicionais de ensino que, na maioria das vezes, não favorecem a produção do conhecimento, tampouco a transformação social. O que se observa é uma educação centrada no cumprimento de programas pré-estabelecidos sem a preocupação com a validade destes conhecimentos.

Neste ambiente, os estudantes não são estimulados a solucionar problemas de seu cotidiano, preocupando-se, apenas, na melhor das hipóteses, em responder corretamente as avaliações a que são submetidos com a intensão de certificação ou credenciamento ao Ensino Superior. Este tipo de educação não qualifica adequadamente os estudantes para a obtenção de sucesso profissional, nem para a melhoria de qualidade de vida. A educação desvinculada da realidade, pautada em formas tradicionais de ensino que priorizam a memorização, os resultados e o individualismo, desmotiva os estudantes por não apresentar atrativos e não responder suas inquietações e necessidades.

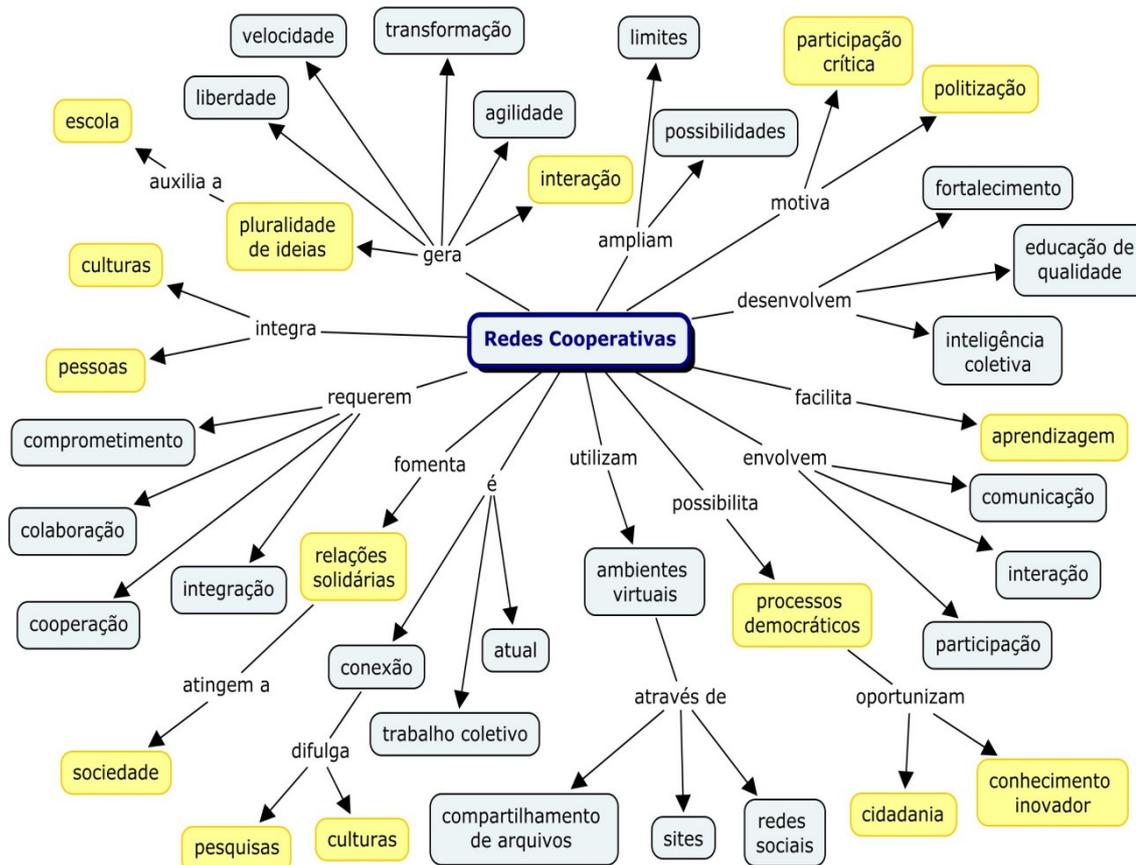
Para atender este novo contexto que se configura, a educação inovadora e cooperativa apresenta-se como um dos caminhos viável de transformação social, por considerar o coletivo, o surpreendente e por trabalhar em redes. Este tipo de metodologia tem grande aceitação no universo dos jovens, já que estes fazem uso das redes sociais e estão conectados no mundo virtual. Cabe ao professor mediar de forma positiva estas informações acessadas pelos alunos (DEMO, 2001).

O presente artigo é resultado dos estudos e discussões em torno da educação inovadora, ocorridos durante o desenvolvimento da disciplina de Educação Empreendedora e Redes de Cooperação do Programa de Mestrado Acadêmico *Stricto Sensu* em Ensino, promovido pelo Centro Universitário UNIVATES, Campus de Lajeado/RS/BRA.

A experiência vivenciada na aula do dia 12 de julho de 2013 comprova esta afirmação. Na oportunidade, a turma foi dividida em grupos com a tarefa de elaborar um mapa conceitual sobre “Redes Cooperativas” embasado nas leituras de Gomez (2004), indicada pelas

professoras da disciplina, e nos conhecimentos prévios sobre o assunto. Após socializar os resultados, a classe, de forma coletiva, reelaborou o conceito sobre redes. A figura abaixo exemplifica, de forma mais clara, a experiência.

Figura 1: Mapa conceitual sobre redes cooperativas



Fonte: dos autores (2013).

Estes estudos revelaram a necessidade de sensibilizar os professores para desenvolverem ações inovadoras, que promovam o trabalho cooperativo em suas aulas. Sendo assim, o objetivo desta investigação foi estimular a reflexão sobre educação empreendedora e redes colaborativas nas instituições de ensino, bem como analisar as concepções e perspectivas de professores do estado de Mato Grosso – Brasil, sobre a temática.

2 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E REDES COOPERATIVAS

A educação empreendedora, segundo Lavieri (2010), ao contrário do que muitos pensam, é uma alternativa que foge da regra neoliberal capitalista em que o sentido de formar

peçoas é preparar mão de obra barata. Segundo esta regra, o professor fica incumbido de repassar conhecimentos e cobrar reprodução de conteúdos nas provas ou exames. Atualmente, até o ensino superior sofre essa tendência de mercantilização na qual, as práticas desenvolvidas privilegiam a memorização e a repetição, inibindo, desta forma, a criatividade e criticidade do aprendiz.

Diante do exposto, a educação empreendedora se contrapõe à perpetuação da classe dominante por considerar a subjetividade das pessoas, seus potenciais criativos e inventivos, a força da interação com os pares e a importância da socialização do conhecimento.

Pelo levantamento realizado por Lavieri (2010), o ensino empreendedor não teve origem em escolas regulares, mas sim em cursos de Administração de Empresas dos Estados Unidos. Porém hoje, segundo o autor, o foco deste ensino está centrado nas diversas metodologias, propostas e ambientes, sejam estes em caráter de educação formal ou informal. A educação empreendedora tem caráter humanizador, cujo autodirecionamento da aprendizagem está focado no processo e não nos resultados, pois considera que estes são consequências de uma ação educativa envolvente e construtiva.

Entendeu-se, a partir das leituras propostas em aula, que a educação empreendedora ou inovadora, é aquela capaz de transformar: repetição em inovação, informação em conhecimento, individualismo em coletividade, acomodados em ativos, empregados em empregadores, único caminho em oportunidades, limitação em criatividade, alienação em consciência crítica, corrupção em ética e transmissão em transformação.

Segundo Rehfeldt e Martins (2012), o professor empreendedor é aquele que sabe persuadir seus pares no ambiente escolar, assim como seus alunos, através de ações inovadoras, ou seja, é aquele que reconhece e define problemas, equaciona soluções para os mesmos, introduz modificações no percurso da aprendizagem ou no espaço educativo, o que leva a uma educação transformadora.

O professor empreendedor é aquele que corre riscos calculados, que desafia seus alunos a pensar, é sujeito de sua própria história, criativo, inovador, aquele que identifica e aproveita as oportunidades que lhe aparecem, que acredita em uma educação embasada na transformação, que favorece o desenvolvimento de associações mentais e encaminha seus alunos para a autonomia de aprender. Este profissional busca formar pessoas capazes de utilizar sua criatividade para transformar o meio ao qual estão inseridos. Aquele que inova e transforma o que já existe, que tem postura, liderança, atitude e, principalmente, age no momento oportuno (MARTINS, et al., 2013).

Na concepção de Demo (2001), o professor orientador que busca, em suas práticas, ensinar a pensar, é aquele que motiva seus alunos, chama a atenção e critica quando necessário, aponta caminhos e não dá respostas prontas, e assim abre oportunidades para que o aluno conquiste sua autonomia.

Segundo o pensamento de Pimenta e Anastasiou (2002, p. 195) “a respeito do método de ensinar e fazer aprender (ensinagem) pode-se dizer que ele depende, inicialmente, da visão de ciência, de conhecimento e de saber escolar do professor”. Em outras palavras, as concepções epistemológicas e pedagógicas que os professores têm sobre o processo educativo e sua finalidade, influenciam na escolha das estratégias que utilizarão. Vale lembrar que estratégia, do grego “*strategía*” e do latim “*strategia*”, é a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis disponíveis, com vista à execução dos objetivos específicos (ANASTASIOU; ALVES, 2004).

Para Masetto (2003), a prática pedagógica tem característica inovadora se proporcionar desafios, incentivar reflexões e colaborar para o estabelecimento de conexões entre os conhecimentos já existentes e os novos. São exemplos de estratégias inovadoras: trabalhos em grupos, mapas conceituais, discussão por debates, estudo de textos, seminários, roda de conversas, estudo do meio, portfólio, dramatização, teatro, júri simulado, filmes, projeções e documentários.

As estratégias ou dinâmicas que envolvem atividades em grupos, segundo Gil (2012), desenvolvem capacidades que não são possíveis de obter se ocorrerem em técnicas individuais. As técnicas coletivas oportunizam estudar um problema em equipe, desenvolvem colaboração, debate, discussão e estabelecimento de relações entre o tema com suas experiências e com os conhecimentos pré-existentes em suas estruturas cognitivas.

Para professores empreendedores, as possibilidades de experiências são mais importantes que os conteúdos, pois é na troca de experiências que se estabelecem as redes. Estas conexões de saberes não se restringem a relação professores-alunos, mas são mais frequentes entre os pares, ou seja, os estudantes, por terem uma linguagem comum, desenvolvem produções coletivas (BARBOSA e JÓFILI, 2004).

É exatamente neste momento que o professor assume a postura de interlocutor do processo, pois não basta ter as informações se não estabelecer conexões no momento oportuno, isto é, na resolução de problemas. O que é reforçado por Gomez (2004), ao afirmar que o papel principal do professor é de ajudar o aluno a interpretar estas informações, a relacioná-las e contextualizá-las.

A sociedade contemporânea impele para que os professores colaborem, mediante suas ações educativas, para o estabelecimento de redes cooperativas que são elementos indispensáveis para uma educação criativa e inovadora. O trabalho em rede é essencial para a educação, uma vez que este possibilita uma construção conceitual mais rica.

As cores visualizadas na Figura 1, anteriormente apresentada, representam diferentes momentos. A cor azul representa ideias iniciais e a cor amarela representa as ideias acrescentadas após a socialização deste trabalho coletivo. Esta prática pedagógica exemplifica o trabalho em rede.

Práticas em grupos favorecem a coletividade, possibilitam que ações colaborativas se ampliem e se desenvolvam de forma cooperativa, oportunizam a troca de ideias, o redimensionamento dos saberes já existente e o desenvolvimento de novos, o envolvimento com a proposta e o comprometimento com os envolvidos (GOMEZ, 2004). Em outras palavras, práticas que promovem a cooperação conseguem transformar a sala de aula de forma muito positiva por viabilizarem inovação, criatividade, motivação e dinamismo nos processos de ensino e de aprendizagem.

Contudo, conforme constatado nos estudos de Barbosa e Jófili (2004), em turmas que já tiveram aulas tradicionais, os estudantes consideram práticas inovadoras, que envolvem trabalhos em grupos e tem a participação efetiva do estudante, como típicas de professores que não querem dar-se ao trabalho de preparar suas aulas. Estes estudantes já estão acostumados com uma metodologia passiva e conteudista, e algo fora disso, é considerado perda de tempo. O mesmo não acontece com turmas de estudantes que estão ingressando na escola, nelas as estratégias novas geralmente são bem recebidas.

No trabalho das autoras supracitadas, não foi nada fácil desenvolver estratégias novas que envolvessem trabalhos cooperativos ou colaborativos com turmas em andamento. Esta resistência não foi constatada com turmas novas, porém ressalta-se a necessidade de manter as atividades propostas e que mesmo resistentes no início os estudantes serão contagiados pelo ambiente empreendedor e cooperativo que se estabelece na sala de aula quando o professor adota práticas inovadoras. Este sucesso pedagógico poderá ser constatado quando os estudantes demonstrarem sua satisfação com o método utilizado e com o êxito na aprendizagem construída.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo configura-se como uma pesquisa de campo, cujo enfoque é qualitativo. Segundo Lakatos (2003, p.186), pesquisa de campo “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los.” De acordo com a autora, a pesquisa de campo requer três fases. A primeira é a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão, em segundo lugar deve-se determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na determinação da amostra e, por último, antes que se realize a coleta de dados, é preciso estabelecer tanto as técnicas de registro desses dados como as técnicas que serão utilizadas em sua análise posterior.

Para Neves (1996, p.2), “os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos.” Essa metodologia busca visualizar o contexto, integrando, quando possível, de forma empática, o processo/objeto de estudo, implicando para uma melhor compreensão do fenômeno.

O estudo envolveu três professoras, escolhidas como amostra estratificada da pesquisa, as quais são de diferentes modalidades de ensino e atuantes na Educação Básica no Estado de Mato Grosso, Brasil. Uma das professoras é pedagoga, especialista em Interdisciplinaridade, em Educação de Jovens e Adultos e também em Gestão escolar. Atua há dezenove anos no magistério, em um Centro de Educação de Jovens e Adultos e só ministrou aulas em sua área de formação.

A segunda entrevistada é professora formada em Administração de Empresas, MBA em Gestão e especialista em Educação de Jovens e Adultos, atua há cinco anos no magistério sendo três anos e oito meses deles em uma Instituição Federal superior. Atualmente é coordenadora do Departamento de Extensão. Além das disciplinas de sua área de formação, já ministrou a disciplina de Matemática por seis meses.

A terceira entrevistada é professora em uma instituição de aperfeiçoamento profissional, sua formação inicial é Licenciatura Plena em Letras, atua há cinco anos no magistério e há dois anos na instituição, onde ministra as disciplinas nas áreas de gestão e de tecnologia, com carga horária de 20 horas semanais. Também já trabalhou como técnica administrativa.

O instrumento utilizado para coletar os dados foi uma entrevista semiestruturada, composta de treze questões abertas que buscam a compreensão do entrevistado quanto à educação empreendedora. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para posterior análise dos dados. Os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido

adaptado do modelo disponível pelo Centro Universitário UNIVATES. O referido documento serviu para que o anonimato fosse preservado.

Para garantir o anonimato dos sujeitos da pesquisa, os nomes foram substituídos pelas siglas P1 (professora 1), P2 (professora 2) e P3 (professora 3). A análise e discussão das respostas coletadas foram realizadas sob a luz do referencial teórico, técnica esta nomeada como análise de conteúdo, obedecendo às orientações de Bardin (2008).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao serem questionados sobre quais os recursos que utilizam em suas aulas, os entrevistados apresentaram as seguintes respostas: “Aqueles que temos disponíveis e os que são construídos junto com os alunos. Ele é mais valorizado e desperta o interesse do aluno na aprendizagem. É construindo junto que a aprendizagem se dá bem melhor” (P1). “Eu trabalho dinâmicas com barbante, trabalho com vídeos, *Datashow*” (P2). “Quadro branco, *datashow*, apostilas” (P3).

Sobre quais são as estratégias de ensino que mais utilizam em suas aulas, as respostas foram trazidas para este artigo:

Eu não acredito na questão em que só se use o livro didático para corresponder às necessidades dos alunos, por isto eu não ocupo muito o tempo em sala de aula na escrita e nos livros didáticos, porque se não desmotivava os alunos, então temos que criar estratégias de grupo, de conversação, é a única forma de fazer com que os alunos se mantenham atentos, ativos, sem dormir, e assim participam mais desta maneira, porque de alguma forma de outra tem que se explorar a escrita e a leitura. Existe a necessidade, porém temos que ter uma boa articulação, uma boa didática para que estes alunos estejam sempre atentos e não percam a motivação e aprendem com mais facilidade. Buscar sempre estratégias novas para tomar o devido cuidado para que os alunos permaneçam ou então você perde ele (P1).

“Estudo de caso – estudos de casos práticos são o que eu mais trabalho para eles poderem vivenciar a experiência da teoria com a prática” (P2). “Utilizo dinâmicas de ensino, discussão” (P3).

Reforçando o questionamento anterior, foi realizada a seguinte pergunta: Quais as inovações que você costuma utilizar em suas aulas? As respostas seguem transcritas:

Antes de trabalhar com projetos, não me era exigido novidades. Mesmo assim eu já trabalhava com notícias, reportagens, ou seja, coisas inovadoras e da atualidade. Agora, trabalhando por meio de projetos, algo que faz com que você se mexa mais, tanto você como os alunos. É pesquisa multimídia, são os filmes, os slides, a animação visual, ou seja, as TICs fazem o diferencial quando bem utilizadas (P1).

Utilizo tecnologia, né, vídeos diferentes, os slides eu procuro fazê-los com bastante

ilustrações, então isso de certa forma, são inovações e a própria forma de trabalhar a aula em si, de leva-los para a prática, de leva-los para a biblioteca para fazer pesquisa, para poder buscar informações, já é uma prática (P2).

“Sim. Algumas tecnologias de vídeo e áudio” (P3).

Sobre quais estratégias inovadoras são desenvolvidas nas instituições onde atuam, as respostas foram as seguintes:

Posso citar vários projetos em que os alunos produzem e produzem bem, mas é graças a bons profissionais que estão por trás articulando, um grupo que trabalham coletivamente. As estratégias ainda estão focadas num trabalho interno professor e aluno, dentro de um tema que motive o envolvimento por aquilo que os alunos querem. O ponto de partida é descobrir o que os alunos querem e despertar neles o interesse pela proposta (P1).

É como eu falei, a gente está iniciando a questão da inovação, o que eu posso citar como inovação são os próprios projetos de pesquisa, a pesquisa hoje é vista como algo inovador, porque não se trabalhava muito, o foco antes era trabalhar só o ensino, ensino, e hoje as instituições se preocupam com a pesquisa e com a extensão, então eu acredito que essa atitude de promover a pesquisa e a extensão dentro da instituição é algo inovador (P2).

“O uso de tecnologia em todas as salas” (P3).

Pelos dados levantados nas respostas dos questionamentos anteriores, sob o olhar da primeira categoria de análise, fica evidenciado que algumas estratégias inovadoras estão ocorrendo nas instituições investigadas. São elas: dinâmicas de grupos, pesquisas, filmes e discussão por debates. Evidencia também a necessidade de outras estratégias serem exploradas, tais como: mapas conceituais, estudos de textos, seminários, rodas de conversas, estudos do meio, portfólios, dramatizações, teatros, júris simulados, projeções e documentários (MASSETO, 2013).

Sobre quais as dificuldades que os alunos apresentam quanto à aprendizagem, foi observado pelos professores:

A maior dificuldade que eu constato é a dificuldade de interpretação, de leitura propriamente dita. A escrita também, mas a leitura é mais acentuada. Quando se trata de ler o gráfico mesmo, o escrito é muita dificuldade. Na EJA as dificuldades são as mesmas, desde o tempo em que fiz a pós em EJA as falas sempre eram as mesmas. Inclusive agente fez um trabalho sobre as dificuldades de leitura no 1º seguimento, por isto que agente focou nas dificuldades de leitura. Mas o que prevalece é a grande vontade de querer saber (P1).

“Parte da gestão a gente trabalha muita teoria, então eles tem dificuldade com a parte teórica, eles preferem a parte prática, eles tem dificuldade com a parte teórica e com a parte de interpretação mesmo”(P2). “O que mais prejudica é a desatualização deles; muitos estão há muito tempo fora da escola” (P3).

Em outro questionamento, foram citadas as seguinte potencialidades/facilidades dos

alunos quanto à aprendizagem:

O conhecimento de vida, de seu dia a dia. E aí se o professor souber trabalhar vai se tornar um potencial bastante elevado dentro da sala no dia a dia, porque não adianta nada eu querer ministrar uma aula pautada em um conteúdo e não valorizar aquilo que ele trouxe. Então quando você trabalhar teoria e prática e conciliar o conhecimento que eles trazem a aula terá mais sucesso. Também julgo ser um potencial o interesse e a vontade, eles são determinados em querer ser alguém (P1).

“A parte prática, quando a gente consegue relacionar, colocar a teoria com a prática eles tem facilidade” (P2). “A vontade e a necessidade de aprender faz com que eles se motivem bastante” (P3).

Quando questionados sobre a reação dos alunos frente à proposta de trabalho que utilizam, os professores disseram: “É obvio que você não consegue atingir o 100% dos seus alunos, mas eu considero que a maioria aprova minha proposta de trabalho, tanto é que eu não tenho um índice de evasão tão grande” (P1). E disse ainda: “a primeira coisa é a motivação e outra é que eles acreditam, eles querem muito aprender a ler e escrever, o interesse deles é alcançar suas metas” (P1). “Eu vejo bem receptivos, bem receptivos mesmo, porque como eu gosto de trabalhar bastante estudo de caso, aí eles vivenciam a teoria na prática, então eu vejo eles bastante receptivos” (P2). “Eles são bem receptivos e participativos” (P3).

Quanto ao referencial teórico que utilizam e se baseiam: “Eu gosto muito de Paulo Freire. Seus escritos nos fazem entender o aluno na condição em que ele se encontra e isto aproxima para os estudos a realidade, o que é muito bom” (P1). “Chiavenato, eu trabalho bastante na área de gestão” (P2). “Como trabalho com jovens e adultos, me inspiro em Paulo Freire” (P3).

Percebe-se que o referencial teórico adotado pelos entrevistados configura-se como concepção construtivista. Esta evidência é confirmada com as respostas quanto às dificuldades e potencialidades, pois mostra que este professor é comprometido com uma educação humanizadora, que considera os conhecimentos prévios e o contexto da realidade, na qual o alunos é agente de transformação social. Estas características configuram uma educação empreendedora que, segundo Lavieri (2010), são consequências de uma ação educativa envolvente e construtiva.

Ao serem questionados se consideram a escola onde atuam como promotora de cooperação e inovação, os professores disseram: “Se dissesse o contrário estaria indo contra a minha escola. Eu acredito assim, ela ainda tem muito por dar, tem um potencial enorme, tem profissionais competentes, tem muita coisa pra mostrar porque eu acredito no potencial dos profissionais que estão ali” (P1). “De cooperação acredito que sim porque a gente trabalho

muito em equipe, em inovação talvez a gente esteja ainda começando a propor inovações, porque nós ainda somos um pouco conservadores, mas a questão da cooperação, sim, existe bastante” (P2). “Sim” (P3).

Sobre o entendimento de educação cooperativa, as respostas foram trazidas para o artigo:

A escola pode ser um exemplo de educação cooperativa, se todos trabalharem juntos, em sintonia. Existe a possibilidade da cooperação externa, como as parcerias, mas temos que buscar muito mais a cooperação interna, o fortalecimento do grupo. Se você não tiver um grupo, o trabalho não terá o mesmo sucesso. A sociedade em si avança neste sentido, as empresas investem no grupo, a escola também deve se atentar em proporcionar um coletivo gostoso (P1).

Educação cooperativa é aquela que tem a participação de todos envolvidos no processo, onde a gente ouve o que os alunos e acadêmicos tem a nos dizer e fazemos uma educação participativa com o envolvimento de todos, não só dos docentes, mas também com a dos discentes, com a participação do corpo administrativo, então eu acredito que isso seja educação cooperativa (P2).

“É quando os participantes ajudam e confiam uns nos outros” (P3).

As respostas reforçam a necessidade da sociedade contemporânea, assim como a educação, romper com o individualismo e investir em ações que favoreçam o trabalho cooperativo e a participação coletiva. Cooperar com o outro vai além de conviver ou realizar determinada tarefa em conjunto, é produzir com o outro. Neste sentido, reforça-se o pensamento de Gomez (2004) ao dizer que a educação cooperativa oportuniza a troca de ideias, o redimensionamento dos saberes já existente e o desenvolvimento de novos, o envolvimento com a proposta e o comprometimento com os envolvidos.

Quanto ao conceito do que é educação inovadora, os professores disseram:

Eu acho que a educação é inovadora quando for criativa, que é apaixonante por acredita na educação. Tem escolas que, independente daquilo que é proposto, que vem pronto dos gestores, eles acreditam e buscam, buscam a inovação, o diferencial a cada passo, em cada ação (P1).

Eu acredito que educação inovadora é aquela que realmente a gente não fica só na questão ensino aprendizado, mas que a gente consiga promover o desenvolvimento do aluno em outros aspectos, não só no ensino, mas a vivência em sociedade, saber como fazer uma pesquisa, como fazer um levantamento de dados e como, principalmente, utilizar esses dados a favor da sociedade como um todo (P2).

“É a educação que permite ao professor usar as mídias tecnológicas” (P3).

Pelas informações levantadas, percebe-se que os professores têm um conceito de educação empreendedora que se aproxima do apresentado por Masetto (2003) que compreende uma educação que supera as limitações, cujos profissionais têm iniciativa para inovar e aceitam desafios. Esta concepção é reforçada por Martins, et al. (2013) que considera

a educação empreendedora, ou inovadora, uma forma de mobilizar a criatividade, a inovação e o diferencial em contraposição à educação tradicional que ainda perdura.

Os entrevistados apontaram como características de um professor empreendedor os seguintes aspectos:

O professor é empreendedor quando acredita que é capaz de fazer a diferença. Ele tem que ser bastante polivalente, ele tem que ser um construtor, construir seu saber no dia a dia, buscar novidades, interagir com a realidade. De nada adiante ter recursos, todas as tecnologias e possibilidades, se não tiver o espírito empreender, tem que buscar a motivação interna para fazer a diferença (P1).

O próprio nome empreendedor ele vem de inovação. Então, professor empreendedor é aquele que faz algo que ainda não foi feito nas suas aulas, é trabalhar o próprio conteúdo que ele tem que trabalhar, porém de forma diferente, fazer mudanças inovadoras. Então, todas as vezes que a gente falar de empreendedorismo a gente vai falar de inovação, então professor empreendedor é aquele que inova em suas aulas, que traz uma nova dinâmica de trabalho, uma nova metodologia de avaliação, buscando o bem comum (P2).

“Tem iniciativa, é entusiasmado e otimista” (P3).

As características que emergiram a partir das respostas concedidas pelos professores reforçam as concepções de empreendedorismo apresentadas anteriormente nos seguintes aspectos: o fator motivacional, defendido por Demo (2001), a inovação, a iniciativa e a atitude de transformar o que já existe, apresentados por Martins, et al. (2013), e a capacidade de envolver seus pares por seu entusiasmo (REHFELDT E MARTINS, 2012).

O último questionamento solicitou sugestões, enquanto professor, que promovam uma educação empreendedora. As respostas seguem transcritas a seguir:

Eu sugiro que todos sejam mais humildes para aceitar as propostas das outras pessoas do grupo. Eu estou falando isto porque uma coisa é você fazer algo imposto porque é obrigado, outra coisa é você ser humilde para dizer: “sua ideia é ótima, vamos lá, vamos buscar a inovação, eu quero participar, eu quero fazer a diferença”, ou seja, abraçar uma ideia espontaneamente sem lamúrias. Tem que haver também a união, enquanto não houver um grupo, se não for homogêneos todos os profissionais da educação dentro de uma ação coletiva, conjunta na qual todos tenham um único objetivo ai nós não vamos ter esta educação que agente almeja não (P1).

Eu sugiro bastantes estudos e pesquisas sobre formas diferentes de se trabalhar os conteúdos, para que a gente não fique só nos slides, só na escrita do quadro, copie e cole, então que a gente realmente promova dinâmicas diferentes, trabalhe bastante a parte prática, buscar informações sobre como trabalhar uma aula de forma diferente, de forma inovadora, para surpreender os nossos alunos (P2).

“Dar vez e voz para os alunos e sugerir projetos empreendedores” (P3).

As respostas vêm ao encontro do pensamento de Gomez (2004), que afirma ser papel principal do professor o de estar atento às necessidades dos estudantes para auxiliá-lo na interpretação e na resolução dos problemas que surgirem. Não se trata de ter estratégias

prontas e uniformes, mas sim ter a capacidade de desenvolver possibilidades e explorar os meios e condições favoráveis para alcançar os objetivos que planejou (ANASTASIOU; ALVES, 2004).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas inovadoras e a cooperação entre os pares ainda são pouco utilizadas nas instituições educacionais. Estas ações em rede precisam ser propagadas e incentivadas para atender as demandas da sociedade contemporânea. Com esta pesquisa, pode-se explicar os conceitos de educação empreendedora e redes de cooperação.

O professor empreendedor é aquele que percebe o contexto social, intervém com novas estratégias no processo de aprendizagem dos estudantes e os instiga a desenvolver o sentimento da importância do trabalho cooperação. Por isso, é necessário socializar os conceitos da educação empreendedora, para que o individualismo tão presente em nossa sociedade, seja substituído por redes de cooperação.

CONCEPTS AND PERSPECTIVES OF TEACHERS OF MATO GROSSO ON ENTREPRENEURIAL EDUCATION AND COOPERATIVE NETWORKS

ABSTRACT

This article aims to stimulate reflection on enterprising education and collaborative networks in educational institutions as well as to analyze the opinions and perspectives of teachers who work in them. The education here is addressed to meet the pursuit of a quality education, human, meaningful and able to transform society with a proposal more dynamic, reflective, dominated by creativity, innovation and personal autonomy. This study sets itself as a research field, whose approach is qualitative. To collect data, we interviewed three professors from different institutions (CEJA IFMT and Senai) and modalities (Youth and Adult Education, High School Vocational and Professional Improvement) in the cities of Barra do Bugres and Juína, both located in the state of Mato Grosso. The answers given to the thirteen questions enabled to understand the concepts that these teachers bring about the issue and consider their institutions as entrepreneurial and/or cooperatives. It concludes that the respondents emphasize, through the responses of the indications, the characteristics of an entrepreneur teacher as a being the one that is flexible, motivates creativity, seeks innovation in their classes and know how to enjoy the opportunities.

Keywords: Entrepreneurial education. Collaborative networks. Pedagogical practice.

REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P.. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-100.
- BANDEIRA, M. de L.; FREIRE, O. **Antropologia – Três categorias do pensamento antropológico**. Cuiabá: EdUFMT, 2006.
- BARBOSA, R.M.N.; JÓFILI, Z.M.S. Aprendizagem cooperativa e ensino de química – parceria que dá certo. **Ciência & Educação**, v.10, n.1, p.55-61, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal: Presses Universitaires de France, 2008.
- DEMO, P. **Saber pensar**. 2. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.
- GIL, A. C. **Didática do ensino superior** /Antônio Carlos Gil. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.
- GOMEZ, M.V. **Educação em rede: uma visão emancipadora**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.
- LAKATOS, EVA M.; MARCONI, MARINA DE A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2003.
- LAVIERI, C. Educação... empreendedora? In: **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rose Lopes (org.). Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.
- MARTINS, S. N.; MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. **Professores empreendedores no ensino superior: o universitário aprendendo a empreender**. In: II Encontro Luso Brasileiro de Trabalho Docente e Formação, 2013.
- MASETTO, M.T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.
- NEVES, JOSÉ L. **Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo. V. 1, Nº 3, 2º Sem/1996. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf>. Acesso em: 17 set. 2013.
- PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C.. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.
- REHFELDT, M.J.H.; MARTINS, S.N. Práticas de Modelagem Matemática: uma possibilidade para o professor empreendedor. **Acta Scientiae**. Canoas. v. 14, n.2, p. 326-338, maio/ago. 2012.

Recebido em 30 de setembro de 2013. Aprovado em 07 de novembro de 2013.